

## **A QUESTÃO DE UMA *WELTANSCHAUUNG* PSICANALÍTICA: TRANSMISSÃO E LAÇO SOCIAL DA PSICANÁLISE**

**Tania Coelho dos Santos**

**Publicada em ANUÁRIO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE ano 1, 1991**

### *Introdução: transmissão e laço social da psicanálise*

O artigo que se segue é um breve relato das reflexões que desenvolvi, até recentemente, a respeito do processo de difusão da psicanálise entre o público leigo e sua relação com a produção da demanda de psicanálise. A questão das *Weltanschauungen* psicanalíticas emergiu ao longo do meu trabalho com um poderoso articulador da relação difusão/demanda. Por essa razão, a continuidade dessa pesquisa acerca do campo psicanalítico exige reconstituir, através da análise de revistas, boletins, periódicos, jornais e coletâneas de artigos editados pelas sociedades de transmissão da psicanálise uma parte da história das concepções da direção da cura analítica (ou do fim da análise). Essa reconstituição histórica é importante para dar prosseguimento aos trabalhos que já realizei (Coelho dos Santos, 81, 82, 27, 88, 89 a, 89 b, 90) sobre o imaginário constituído por meio da difusão da psicanálise (ou as culturas psicanalíticas), enfocando a produção teórico-clínica das instituições psicanalíticas e deverá trazer informações importantes sobre as transformações da produção simbólica do campo analítico entre os anos 60/80, período marcado por profundas mudanças no processo de recrutamento, formação e legitimação de psicanalistas. Essas mudanças articulam-se com a abertura das instituições psicanalíticas ligadas a IPA a candidatos não-médicos (anos 79/80) no Rio de Janeiro, à multiplicação das sociedades psicanalíticas não vinculadas a IPA, e à difusão do pensamento de Lacan (especialmente com relação ao problema da transmissão da psicanálise, e mais especialmente da formação do analista).

Essas informações são necessárias para uma compreensão das mudanças que já detectamos numa análise do imaginário da psicanálise socialmente difundida (integrado inclusive por representações da cura analítica), que será preciso para fazer articulação com as transformações dos “ideais analíticos” que, nesse período, integraram a produção teórico-clínica.

Nossa hipótese, produzida numa abordagem do saber psicanalítico difundido no público leigo, aponta para uma mudança de um modelo médico da cura analítica (regido pelo ideal da liquidação do complexo edipiano, pela oposição pulsão/recalque, inconsciente/consciente) vigente nos anos 60/70 para um modelo não-médico (regido pelo ideal da singularidade do sujeito, pela relação desejo/subjetivação, pulsão de morte/narcisismo), desde o fim dos anos 70 e início dos anos 80.

Essa pesquisa se justifica pelo importante acréscimo de informações sobre as culturas da psicanálise, ampliando o campo de reflexões sobre a subjetividade contemporânea e suas relações com o movimento psicanalítico.

### *A noção de campo psicanalítico*

O campo psicanalítico, tal como o recortamos, é um todo articulado que inclui a diversificada produção teórico-clínica que define a direção da cura segundo princípios

diversos e instituições de transmissão com perspectivas diferentes sobre a formação do psicanalista – e que não podem ser dissociadas da perspectiva adotada quanto à teoria e à técnica analítica. Mas o campo analítico também inclui uma dimensão – menos reconhecida, porém não menos essencial ao seu funcionamento – que são as versões hegemônicas desse saber e de suas práticas. Por difusão da psicanálise entendemos o movimento psicanalítico: sua produção teórica institucionalizada e a concorrência que se estabelece entre os diferentes centros de produção e transmissão do pensamento psicanalítico, mas também os esforços de divulgação junto ao público leigo.

Dizemos que a difusão da psicanálise entre o público leigo é uma dimensão essencial e constitutiva do campo psicanalítico porque é por meio dela que a demanda de psicanálise – de seu saber e de suas práticas – ganha uma forma própria, particular e específica, expressiva dos “ideais analíticos”, das versões ou *Weltanschauungen* da psicanálise, dominantes dos diversos períodos da história desse movimento<sup>1</sup>.

O laço que liga a história da produção teórico-clínica com a emergência de uma demanda de psicanálise pensamos que se estabelece por meio das *Weltanschauungen* psicanalíticas.

#### *As Weltanschauungen psicanalíticas ou os ideais analíticos: difusão e demanda de psicanálise*

As versões ou *weltanschauungen* psicanalíticas conformam todo um imaginário de *representações ideais*<sup>2</sup> – ou representações do que é desejável, do que se promete e se deseja obter, porque são representações investidas de uma promessa de felicidade. Percorrem a produção simbólica do campo analítico e alcançam igualmente a clientela potencial. Em que pese as dúvidas de Freud quanto à “inexistência no programa da criação de uma determinação de que o homem seja feliz”, Lacan<sup>3</sup> nos recorda “que não escapava a Freud que a felicidade é para nós o que deve ser proposto como termo a toda busca, por mais ética que seja”. As versões da psicanálise difundidas entre o público leigo bem o testemunham, pois associam diferentes *representações ideais* do que seja o bom, o belo, de como fazer para alcançá-las, como não ser neurótico, sexualmente reprimido, auto-agressor ou masoquista, e sim um sujeito feliz.

Freud aliás parecia estar completamente consciente desse destino da teoria psicanalítica, o de converter-se em *Weltanschauung*, e em vários momentos em sua obra ele nos dá testemunho dessa sua preocupação, evidenciando-a amplamente na produção simbólica de seus contemporâneos. Em 1925<sup>4</sup>, por exemplo, Freud diz: “Muitos autores têm dado ênfase à fraqueza do ego em relação ao id e aos nossos elementos racionais em face das forças demoníacas dentro de nós, e exibem forte tendência para transformarem o que eu disse em pedra angular de uma *Weltanschauung* psicanalítica.”

“A questão de uma *Weltanschauung* psicanalítica” se apresenta por meio deste prisma enquanto distorção da atitude de receptividade ao imprevisível, ao desconhecido e à incerteza que deveria marcar a atitude do psicanalista com relação ao seu saber. A compulsão à síntese, à unificação, à esquematização e à simplificação induziram necessariamente à produção de *representações ideais* de sujeito com conseqüências

sobre a direção da cura e a própria produção de conhecimento. De acordo com Lacan<sup>5</sup>, essas representações (às quais prefiro chamar *representações ideais*) são como que “algo harmonioso”, expressão da “presença plena” do analista no campo de uma ciência das virtudes, que obstrui a técnica de desmascaramento. A higiene do amor, o ideal de autenticidade e a profilaxia da dependência são as representações mais cotadas entre os ideais analíticos, de acordo com Lacan.

Minha perspectiva desse problema no curso da tese de doutoramento<sup>6</sup> não foi a de perseguir essa direção enunciada por Freud. Quis, isso sim, estabelecer um contraponto nessa discussão que não é uma oposição global ao ponto de vista freudiano. Quando buscamos o vínculo entre a difusão da psicanálise no público leigo e a constituição de uma demanda é justamente para relevar a positividade dessas *Weltanschauungen* que, pela produção de *representações ideais* de sujeito fabricam como que pontos de captação imaginária da cura analítica, os ideais analíticos de que falava Lacan no seu seminário sobre “A ética da psicanálise”, efetuando uma certa amarração do investimento dos sujeitos concretos sobre o dispositivo analítico e sobre a psicanálise como saber.

Se adotamos esse ponto de vista foi porque acreditamos que no percurso do movimento psicanalítico, inevitavelmente, a teoria toma determinadas formas ou versões e que, entre elas, algumas exercem uma certa hegemonia no campo profissional e conseqüentemente difundem-se entre o público leigo. É forçoso reconhecê-lo, e é justamente do reconhecimento deste fato que toda uma obra como a de Lacan<sup>7</sup> pode aspirar “retornar a Freud” e nessa releitura retomar o sentido mais genuíno de seu pensamento, resgatando “a virtude alusiva da interpretação que deve reencontrar o horizonte desabitado do ser”. Preocupação que só se justifica na intenção de evocar o movimento, a mudança, como única forma de resistir à inevitável produção de ideais analíticos.

Freud, em 1933, se perguntava se a psicanálise conduziria a uma determinada *Weltanschauung*, ou seja, a “uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo que nos interessa encontra um lugar fixo” (p. 193). As raízes de uma construção como essa são os desejos humanos condensados em ideais, pois pela via da crença numa *Weltanschauung*: “se pode sentir segurança na vida, pode-se saber o que se procura e como lidar com as emoções e interesses próprios da maneira mais apropriada” (Freud, 1933: pp. 193-194). A adesão a uma *Weltanschauung* é comparável à atitude religiosa e é reveladora da persistência do sentimento de desamparo infantil na vida adulta.

A demanda de análise não é menos tributária da angústia que releva do desamparo originário. Os ideais analíticos, pela difusão da psicanálise, oferecem referenciais estéticos, modelos identificatórios, *representações ideais* de sujeito e práticas que importam em modos particulares de subjetivação. Isto posto, é legítimo perguntar sobre as relações entre as mudanças na cultura, inclusive aquelas produzidas pela cultura psicanalítica, e a produção da angústia, do sofrimento psíquico e do conflito identificatório. Essa questão foi apenas indicada em meu trabalho anterior<sup>8</sup>, mas acredito que se seguirmos os passos da reflexão de Freire Costa sobre a cultura do narcisismo, que como ele a define “é um conjunto de itens materiais e simbólicos que maximizam real ou imaginariamente a *Ananké* forçando o Ego a ativar

paroxisticamente os automatismos de preservação face ao recrudescimento da angústia de impotência”, e incluímos entre os itens simbólicos a difusão da psicanálise na constituição dessa cultura psicanalítica, talvez possamos localizar entre seus efeitos a densificação do desamparo e daí a demanda de subjetivação pela psicanálise. Penso nas palavras de Lacan sobre “as almas que se extravasam na ternura mais natural e que chegam a perguntar-se se satisfazem uma normalização delirante da relação genital – fardo inédito que, à maneira daqueles que o Evangelho amaldiçoou, nós [Lacan quer se referir a nós psicanalistas] amarramos nos ombros dos inocentes.”<sup>9</sup> E não menos em Freud quando aponta que Deus é em última instância o pai, o mesmo que protegeu a criança na infância e “ensinou-lhe o que podia e o que devia deixar de fazer, instrui-a no sentido de adaptar-se a determinadas restrições em seus desejos instintuais e fê-la compreender o respeito que devia ter para com os pais e irmãos, se quisesse tornar-se um membro tolerado e benquisto do círculo familiar e, posteriormente, de associações mais amplas” (p. 199). Parece suficientemente indicado o papel que essas associações virão a desempenhar na vida adulta, substituindo-se à referência paterna.

Constituir-se como sujeito da cultura psicanalítica talvez seja alguma coisa absolutamente necessária e vital para os sujeitos de alguns grupos sociais, sem o que estariam expostos a uma das fontes do “desamparo” enunciadas por Freud (1930)<sup>10</sup>: “aquele que nos ameaça a partir de nosso relacionamento com os outros homens”. E com relação ao qual nos adverte: “O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro. Tendemos a encara-lo como uma espécie de acréscimo gratuito, embora ele não possa ser menos fatidicamente inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes.”

Em razão dessas e de outras reflexões admitimos plenamente o ponto de vista de Figueira<sup>11</sup>, quanto à difusão da psicanálise no Rio de Janeiro ter alcançado um grau de saturação que justifica que se fale numa “cultura psicanalítica” e que se reconheça aí alguma coisa da ordem de uma religião de leigos. Considere-se, entretanto, que desde o início dos anos 60 uma certa sucessão de versões desse saber alcançou, a seu tempo, a hegemonia entre seus adeptos, o que confere a essa cultura particularidades históricas, em razão das quais seria mais apropriado falar em culturas da psicanálise.

### *O campo psicanalítico: o imaginário social e as “culturas da psicanálise”*

Em minha tese de doutoramento concentrei esforços principalmente numa análise comparativa entre o imaginário pré-psicanalítico e as culturas da psicanálise. Dizemos culturas e não cultura porque entendemos que a análise dos artigos e colunas de aconselhamento de inspiração psicanalítica, constante em revistas femininas, é revelador de pelo menos duas culturas psicanalíticas. A primeira, surgida nos anos 60/70 orientada pelo par pulsão sexual/repressão sexual e que deu lugar a um imaginário da modernização social. Por imaginário da modernização social entendemos um conjunto de *representações ideais* de masculino, feminino e relacionamento entre os gêneros, fundado numa concepção igualitária dos papéis sociais. É possível que os ideais analíticos, do amor genital, da autenticidade, e da profilaxia da dependência, aos quais Lacan<sup>12</sup> se refere, tenham nessa cultura sua melhor expressão. Esta não é, entretanto, a única cultura da psicanálise.

Num segundo momento, na virada dos anos 70/80, surge uma cultura que tem como horizonte a pulsão de morte, e cuja tematização privilegiada é o narcisismo e as vicissitudes da auto-agressão, autodestruição ou auto desvalorização. A obsessão com o fantasma do sexual reprimido, característica da cultura da modernização social, deu lugar à preocupação com o sentimento de culpa e suas vicissitudes. Nessa cultura, o único ideal é a singularidade irrepetível, e os obstáculos à “assunção” desse ideal são da ordem das vicissitudes da agressividade e o do sentimento inconsciente de culpa e não mais da repressão dos impulsos sexuais.

Cada uma dessas *Weltanschauungen* psicanalíticas, engendraria uma retórica psicologizante particular, porque centrada em determinadas *representações ideais* por meio das quais descortinam-se os objetos de demanda, desde que se considere, como faz Lacan<sup>13</sup>, “que não há como fazer psicanálise sem passar pelas vias da psicologia”, o que é o mesmo que declinar qual é a relação entre o desejo e a demanda.

Sobre a cultura psicanalítica da modernização social, o essencial é o pesado investimento contra as representações ideais de feminilidade, masculinidade, e relacionamento entre os sexos dos anos 50. A ordem familiar destes anos, com seus papéis segregados de acordo com o gênero, foi reduzida no novo campo de representações ideais a nada menos que uma organização produtora de neuróticos. O homem infiel, a mãe abnegada, a mulher infantil, caprichosa ou esperta são as imagens mais freqüentemente associadas com o casamento de papéis segregados. O trabalho extra doméstico da mulher, a igualdade entre os sexos e as gerações, serão as expressões concretas de uma nova moral sexual, mudanças que foram regidas pelo ideal de autenticidade construído na obsessão de colocar tudo em discurso sob o espectro constante da repressão. A demanda de falar, de pela fala constituir-se como sujeito de uma sexualidade autêntica, é uma produção central deste imaginário psicanalítico. Ainda uma vez evoco Lacan (1988b) quando diz que essa demanda “não é nem mesmo dele (da paciente), sou eu (o analista) quem lhe oferece falar. Consegui, em suma, o que no campo do comércio comum seria desejável realizar tão facilmente: com a oferta criei a demanda”. A fala, no contexto do imaginário psicanalítico da modernização social é significada como *diálogo* e é freqüentemente assim que se representa, inclusive, a relação com um analista.

Essas observações inspiram-se no confronto entre os escritos de Carmem da Silva, psicanalista cujo trabalho se desenvolveu na revista Cláudia entre os anos 60 e 80, e a consultora Olga Mayo que, na primeira revista feminina, a revista Lady, durante os anos 50 respaldou seu trabalho de aconselhamento psicológico, por meio da grafologia, no imaginário tradicional de representações do feminino, masculino e relacionamento entre os gêneros.

### *O conflito de versões no campo psicanalítico*

Esta questão se coloca desde o ponto de vista de que essa teoria do sujeito e suas práticas podem funcionar como uma religião para os sujeitos de certos grupos sociais<sup>14</sup>, que é preciso definir no sentido largo de sujeito da cultura psicanalítica. Será preciso ter em conta, nessa referência ao aspecto religioso do laço social em que se constitui o sujeito da cultura psicanalítica, aquilo que Freud nos diz sobre as

*Weltanschauungen* e em particular acerca da relação entre desamparo infantil e adesão aos mais variados ideais.

A questão dos ideais analíticos dos anos 70 não é, como se pode depreender dos escritos de Birmam (1983, 1987) a esse respeito, um problema cativo da difusão da psicanálise no público leigo, pois sua análise vem situa-la no centro dos processos de transmissão ou de formação do psicanalista. A reificação da teoria, sua utilização no interior do dispositivo analítico como um sistema de crenças ou, nas suas próprias palavras, um “código explicativo” faculta ao analisando a identificação do analista como portador de uma teoria universalizante do sujeito. Prescindindo do manejo da transferência, o analista impulsiona a identificação do analisando como o ego do analista. Prática que aprisiona e reifica o sentido na palavra do analista reduzindo a verdade do desejo à verdade científica ou à verdade histórica.

Do final dos anos 70 aos anos 80, o campo psicanalítico no Rio de Janeiro passa por transformações sensíveis nas definições de sua prática, dos modos de transmissão, da direção da cura, do lugar da interpretação, da função do analista, entre alguns dos paradigmas que nos ocorreu relacionar. Um outro aspecto marcante, curioso, desse campo, foi observado por Figueiredo<sup>15</sup>, sobre os analisados que acreditavam dever se reanalisar segundo os novos códigos que vieram a reger a cultura psicanalítica. O início da difusão lacaniana tem muito a ver com esse fenômeno. Nessa cultura, a singularidade será o contraponto constante com os analistas cujo ideal de cura é a identificação do paciente com o ego do analista, que utilizam a teoria como um código explicativo, que manejam a teoria como um sistema de crenças, do tipo modernizante, analistas que adaptam o indivíduo à sociedade. Certamente, todas essas críticas não inocentaram aqueles que abraçaram a psicanálise através do ideal da modernização social. A reação a essa versão do campo analítico foi condensada na fórmula “isso não é psicanálise” e que tão freqüentemente é acionada indicando esses seus destinatários.

## Notas

1. Coelho dos Santos, 1990.
2. Expressão cunhada para evocar o conceito de ideologia, enfatizando, por meio da ligação ao campo conceitual da psicanálise, sua relação com a realidade psíquica e o campo das representações inconscientes investidas pelo desejo.
3. LACAN, J. 1988 a. "Seminário sobre a ética".
4. FREUD, S. 1925 "Inibição, sintoma e angústia", ESB, Rio de Janeiro, Imago, vol. XX.
5. LACAN, J. 1988 a. "Seminário sobre a ética".
6. Coelho dos Santos, 1990 a.
7. LACAN, J. 1988b. *A direção da cura* (exemplar xerografado).
8. Coelho dos Santos, 1990 a.
9. *ibid.*
10. FREUD (1930). "O mal-estar na civilização".op.cit., vol. XXI.
11. FIGUEIRA, S. "Psicanalistas e pacientes na cultura psicanalítica", *in* FIGUEIRA (org.) *EfeitoPsi*, Rio de Janeiro, Campus, 1988.
12. LACAN, J. 1988b.
13. LACAN, J. 1988 a.
14. Em geral identificados como pertencentes aos extratos médicos das populações urbanas com trajetória social ascendente.
15. FIGUEIREDO, A. A. "Estratégias de difusão do movimento psicanalítico do Rio de Janeiro – 1970-1983", Dissertação de mestrado, PUC-RJ, 1984.